

humanitas



Vol. I - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO II
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



DA PRINCESA SANTA JOANA À ÍNDIA SAUDOSA DO AMIGO: O MEDIEVISMO EM GONÇALVES DIAS

MARIA APARECIDA RIBEIRO
Universidade de Coimbra

1- Se o nome de Gonçalves Dias se tornou famoso pela sua “Canção do Exílio”, escrita em 1843 quando ainda era estudante de Coimbra, e pelo “I-Juca-Pirama”, cujo verso “Meninos, eu vi!” muitos brasileiros repetem, por vezes até sem lhe saberem a origem, as *Sextilhas de Frei Antão* são praticamente desconhecidas do público leitor. A própria crítica, dedicada quase que exclusivamente à faceta indianista do poeta, tem esquecido esta parte da sua obra.

Por outro lado, um poema como “Leito de Folhas Verdes” (*Últimos Cantos*), cujo lirismo é permanentemente louvado, vem sendo lido ora como uma “verdadeira cantiga de amigo” (Bandeira, 1958: 53), ora como pertencente “ao indianismo lírico de Gonçalves Dias” (Ricardo, 1969: 235), ora ainda como “obra-prima do exótico” (Cândido, 1964: v.2, 90), ora até como um poema cuja “simbólica vegetal” merece ser estudada” (Evangalista, 1994: 458), mas sempre desvinculado da restante obra gonçalvina.

Emblematicamente ligadas a uma questão linguística¹ — o poeta teria escrito as *Sextilhas* para mostrar que dominava o Português — elas foram abordadas apenas num aceso diálogo académico entre Cândido Jucá Filho e Alfredo Assis Castro, em 1939.

Jucá, embora louvasse “o ouro puríssimo do seu fraseado” — reconhecido, aliás, por Olavo Bilac —, observou que Gonçalves Dias “afectando redigir

¹ Pinheiro Chagas (1866) considerou-as a obra-prima de Gonçalves Dias, exactamente porque as analisou do ponto de vista linguístico.

as *Sextilhas* numa linguagem envelhecida, vazou-as de modo como nunca, em tempo algum, falou ou escreveu quem quer que seja” e que “assim como se lhe não dá ao poeta de esticar” a vida de Santo Antão “por mais de dois séculos, assim também não importa lardear a linguagem do século XVII [sic] — que é moderna — de diversos arcaísmos, e até de recursos que não são neológicos duas centúrias após” (Jucá Filho, 1939: 11). Foi o bastante para que Assis Castro, da Academia Maranhense de Letras, saísse em defesa de Gonçalves Dias, seu conterrâneo, a fim de demonstrar que não havia incongruência, pelo facto de, nas falas de Frei Antão, conviverem palavras arcaicas e palavras contemporâneas: tratava-se de uma flutuação própria da língua.

Se a questão linguística, que afinal é, muito mais que um caso de flutuação, um caso de estilização, importante para a criação de um “clima” medievizante, a apreciação das *Sextilhas* não pode parar aí. Afinal elas representam uma face do poeta que tem sido ensombrada e até mesmo esquecida, em função das atenções despertadas pelo seu pendor indianista. Já no caso de “Leito de Folhas Verdes”, embora não haja esquecimento, o estilo leva a que se veja no poema uma excepção: uma índia a falar como donzela medieval faz que a composição seja tratada como uma bizzarria na obra do poeta, embora sempre inserida no “tomo” indianista. É, pois, da feição medievista da obra de Gonçalves Dias e da sua conjugação com o proclamado indianismo do autor que se pretende tratar neste trabalho.

2- Publicadas em 1848, as *Sextilhas* não foram o primeiro texto de Gonçalves Dias marcado pelo medievismo próprio dos românticos. Amigo de João de Lemos, de Serpa Pimentel, e colaborador, embora por uma única vez, n’*O Trovador*, era natural que uma dicção arcaizante viesse a informar os seus poemas.

O seu primeiro livro, os seus *Primeiros Cantos* (1847), saudados por Alexandre Herculano com “a verdadeira poesia nacional do Brasil” (Dias, 1959: 98), reuniam, para além de composições indianistas, outras, onde o gosto pela Idade Média se fazia sentir, quer nos temas quer no próprio vocabulário.

Já aí é curioso notar como, a respeito de nacionalidade, eram diferentes e ao mesmo tempo próximas, as visões do poeta maranhense e as do escritor português. Herculano, ao escrever “Futuro Literário de Portugal e do Brasil” elogiando os *Primeiros Cantos*, embora tenha achado “Seus Olhos” “uma das mais mimosas composições líricas” que leu na vida, transcreve, como exemplos da “verdadeira poesia nacional” “O Canto do Guerreiro” e um fragmento do

“Morro do Alecrim”. Não satisfeito, lamenta que a parte do livro intitulada “Poesias Americanas” não seja mais desenvolvida, pois “nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa” (Herculano, 1847: 98). Por sua vez, Gonçalves Dias destaca os poemas de inspiração americana, reunindo-os em secção à parte e conferindo-lhes um título específico, separando, assim, de certa forma, o que é autóctone do que não é, pois o índio celebrado, como se verá mais adiante, é o selvagem que não tomou contacto com o branco. Essa separação não implica, porém, como será mostrado, uma divisão entre nacional e estrangeiro; apenas uma celebração das diferentes raízes brasileiras.

O título “O Trovador” parece evidenciar um tema contemporâneo de mancebos, cavaleiros, donas e donzelas, enquanto o espírito de cruzada informa o texto de “A vila maldita, cidade de Deus” (cuja epígrafe, aliás, fala de Jerusalém) e arcaísmos como “asinha” e “frauta” ajudam a conferir aos poemas um tom de Idade Média. “O Soldado Espanhol”, embora partindo para a “Índia Ocidental”, numa missão de conquista expansionista em que vai lutar contra os “d’ Espanha”, quer pajens, deseja “selado o ginete” e “em punho nebris e falcão”; declara espelhar-se no “Cid partindo para a campanha”; deixa deserto o seu “castelo feudal” e, ao retornar, como sombra, desaparece “como raio de luz em breve instante [...] deixando a morte”naquele “soberbo infância” que lhe tomou o lugar de esposo. Aliás, esse regresso imprevisto — e muitas vezes sob disfarce — usado também por Garrett no *Frei Luís de Sousa* (1844), por António Feliciano de Castilho em *Noite do Castelo* (1836) e ao qual Gonçalves Dias voltará em “O Pirata” e no drama *Boabdil* — era um tópico do Romantismo de feição medievista.

Nos *Segundos Cantos*, publicados em 1848, juntamente com as *Sextilhas* não se pode deixar de ver na “Donzela” que divagava na praia, alguém que suspira pelo amado junto às ondas (cf. “Rosa no Mar!”) como nas cantigas de Martim Codax, nem tão pouco em “Queixumes”, os ecos de outras cantigas de amigo². Relacionado com a exploração literária dos temas medievais, surge o filão da presença moura na Península, não como elemento exterior e exótico, mas como constituinte da identidade portuguesa, que, por sua vez, ajudou a

² Leiam-se estes versos: “Onde estás, meu senhor, meus amores? / A que terras — tão longes! — fugiste? / Onde agora teus dias se escoam? / Por que foi que de mim te partiste?// Não te lembras! quando eu te rogava / Não te fosses de mim tão asinha, / Prometestes-me breve ser minha / Tua vida, que o mar me roubava. (Dias, 1959:231)

construir a brasileira, e de que António de Serpa Pimentel, amigo de Gonçalves Dias, foi o maior e melhor cultor (cf. Taborda, 1972; Morna, 1987 e Ramalhete, 1996). “Zulmira” é um exemplo dessa tendência que o poeta brasileiro também explorou.

Igualmente nos dramas, Gonçalves Dias voltou-se para o passado da nação portuguesa: no Rio de Janeiro, enquanto revia as provas dos seus *Primeiros Cantos*, frequentava diariamente a Biblioteca Pública consultando crônicas antigas, a fim de recolher material para a sua *Leonor de Mendonça* (1846). Em 1850, quando em Portugal começava a declinar o gosto pela exploração literária de temas medievais (cf. Nogueira, 1972: 257), surgiria o mencionado *Boabdil*, que tem por cenário Granada³; por tema, o amor entre um abencerragem e a rainha; por pano de fundo, a ameaça cristã.

Não é de estranhar, portanto, nem parece que seja apenas uma resposta à Censura do Conservatório Dramático que lhe rejeitou o drama *Beatriz Cenci*, o facto de o poeta ter escrito as *Sextilhas de Frei Antão*.

Constituídas por quatro romances⁴ compostos em redondilha maior pela “mão” de Frei Antão de Santa Maria de Neiva⁵, dominicano de existência histórica que Gonçalves Dias recortou da *História de São Domingos* de Frei Luís de Sousa, as *Sextilhas* contemplam um tempo não propriamente medieval, pois que giram em torno de uma figura pertencente à Idade Média — Gonçalo Hermigues — e de duas já da Idade Moderna — a Princesa Santa Joana e o rei D. João II. É no entanto medieval o espírito que as informa, como era medieval o espírito de Afonso V, “o Africano”, “o Último Cruzado”, pai da Princesa freira e do Rei Sereníssimo.

A “Loa da Princesa Santa” baseia-se no texto de Frei Luís de Sousa e narra a história da Princesa Joana, desde o momento em que pediu ao pai, Afonso V, que a oferecesse a Deus como reconhecimento pelas vitórias obtidas em África até ao momento de sua entrada para o Mosteiro de Jesus em Aveiro. O

³ O último abencerragem — Boabdil — foi tematizado por outros escritores contemporâneos como o já mencionado Serpa Pimentel e Soares de Passos.

⁴ “Loa da Princesa Santa”, “Gulnare e Mustafá”, “Solau de D. João II”, “Solau de Gonçalo Hermigues”. Na 1ª edição, Dias incluía ainda a “Lenda de São Gonçalo”, retirada posteriormente e inserida nas novas edições da poesia completa do autor na secção “Lira Vária” (cf. Dias, 1959)

⁵ Diz o poeta na 1ª edição da obra: “[...] era minha intenção publicá-la com o pseudónimo de Frey Antão de Santa Maria de Neiva cuja vida poderão ler os curiosos na *História de S. Domingos* P. 2ª L. 3º C.4º. Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o título, porque sem ele muitas das sextilhas seriam ininteligíveis. (Dias, ⁸s.d.: 5)

narrador — Frei Antão de Santa Maria de Neiva⁶, pertencente ao século XV e que esteve de facto relacionado com a entrada de Santa Joana para as dominicanas de Aveiro, mas ficcionalizado por Gonçalves Dias como vindo o que se passa no século XVI — lamenta o tempo presente, confrontando-o com o passado. Relembra, assim, episódios da vida da Princesa narrados por Frei Luís de Sousa no seu mencionado livro: a maneira airosa e rica com que ela se vestiu para receber o pai, a recusa aos que pretendiam a sua mão, a pintura que de seu rosto fizeram vários artistas, as noites passadas a rezar no oratório, os cilícios que usava e as penitências que se impunha, o lava-pés que ainda em Lisboa, na corte, costumava fazer a doze mendigas na Quinta-Feira Santa, a liberdade que deu aos escravos mouros que lhe foram trazidos por seu pai.

De todas as falas da Princesa, no entanto, a mais relevante é aquela que evidencia a comunhão de Santa Joana com o espírito de cruzada e que se conjuga com igual ponto de vista do próprio narrador, traduzido por ele numa espécie de refrão em que exalta um tempo anterior: Santa Joana — aliás de acordo com a própria narrativa de Frei Luís de Sousa⁷ — invoca a “usança antiga”, o exemplo dos reis que, vencedores na guerra, buscavam “as coisas melhores/ que de os seus reinos haviam” e ofertavam-nas a Deus, “fazendo sacrifícios mui subidos” (Dias, 1959: 295). Frei Antão, que por uma liberdade poética de Gonçalves Dias tem a vida prolongada por mais de um século a ponto de ver “ante os leões de Castela / dobrada a Lusa cerviz” e que, português, arde de ver “nossa gente/ andar connosco ao revés”, também se reporta — e mais que uma vez, a modo de refrão — ao tempo das conquistas de Ceuta, Arzila, Tânger, o “bom tempo” “quando o reino era cristão”; quando se davam os moços “à guerra, /as moças à devação”, “quando nas guerras de mouros/era o rei nosso pendão/ quando as donas consumiam /seus teres em devação” (cf. Dias, 1959: 287 e 285)

O romance de “Gulnare e Mustafá”, a segunda narrativa da *Sextilhas*, é uma decorrência da “Loa” de Santa Joana; fala nos escravos por ela libertos e prende-se ao gosto pelos temas de inspiração árabe. Frei Antão, que vira a moura Gulnare quando do regresso do Africano (facto já referido na “Loa”), por ela se apaixonou, mas acaba por arrepender-se e por convertê-la ao Cristianismo, assim como a Mustafá, com quem a casa, obedecendo, aliás, a um pedido feito pela Princesa⁸. Viúva, Gulnare irá recolher-se ao Convento de Azeitão.

⁶ Engana-se Manuel Bandeira (Dias, 1959: 26) ao chamá-lo “frade dominicano setecentista” (o grifo é nosso), já que Frei Antão viveu no séc. XV. (cf. Sousa, 1977).

⁷ G. Dias, aqui, utiliza quase textualmente as palavras do historiador (cf. Sousa, 1977: 1062).

⁸ “Meu Padre, disse-me entonces, / É fora do natural / Qu’eu tenha escravos, e mouros, /

O “Solau do Senhor D. João” gira em torno, segundo o próprio Gonçalves Dias, de um caso contado pelo Padre António de Vasconcelos nos *Elogios Latinos*⁹ e louva o espírito cristão do rei. Na Semana Santa, indo D. João II confessar-se e comungar pelas mãos de Frei Tomás da Costa, apareceu-lhe o duque Fernando, acusando-o de injusto e reclamando-lhe as alcadarias de Assumar e Portalegre. Ante a palavra empenhada de D. João II de que faria justiça, Frei Antão volta a comparar presente e passado, afirmando que nunca mais verá “tão inteiros sujeitos, / um ao outro dando a lei: /No Paço, o rei ao vassalo. // Na Igreja, o vassalo ao Rei” (Dias, 1959: 333)

Esse contraste entre o agora e o outrora volta outra vez à baila no “Solau de Gonçalo Hermigues”, personagem retirada, como o próprio poeta declara, da *Crónica de Cister*, de Frei Bernardo de Brito. Desta vez, o narrador confronta o namoro romântico dezanovesco — do rapaz que se enfeita a cada instante com fitas, laços e fivelas, prima nos cabelos e corre “seca e meca trás de mimosa donzela”; vai à igreja para vê-la e faz-lhe serenatas em Janeiro — com a abordagem amorosa do tempo em que “não domada, lutava a gente infiel”. Neste, “por mais que amores amasse”, “por mais que fosse gentil”, o mancebo participava das justas e torneios e, vencedor, depunha o seu troféu “aos pés da bela entre as belas”. Numa discordância retórica — em que interroga se é justo que ao mais valente deva caber a “dona como um vaso d’eleição” e na qual aproveita para criticar o comportamento das mulheres contemporâneas — introduz Frei Antão a história de Gonçalo Hermigues, o “Traga-Mouros”, quase na mesma ordem e com os mesmos tópicos em que se encontra na *Crónica de Cister*. Se Gonçalves Dias exclui a gaguez do mancebo e a sua entrada para o Mosteiro de Alcobaça depois de viúvo, realça os seus dotes de poeta de Hermigues¹⁰ e a sua valentia, a razão do seu ódio aos mouros, o seu ataque a

Rainha de Portugal. // Ide vós porém chamá-los / Pera o rebanho cristão; // Casade-os vós muito embora // Que bem daí haverão: // Eu lhes darei corpo livre, Deus Senhor a salvação “ (Dias, 1959: 307).

⁹ Da autoria do Padre Vasconcellos não encontramos nenhuma obra com o título *Elogios Latinos*, apenas *Anacephalaeoses*, que contém alguns epigramas da autoria do Pe. António Pimenta, também sem qualquer referência ao caso. Terá Gonçalves Dias querido referir-se à *Anacephalaeoses*? Assim mesmo, nela, o que se comenta é a devoção de D. João II à Paixão de Cristo, sem que se fale no episódio do surgimento de D. Fernando clamando por justiça, quando o dominicano Tomás da Costa lhe ia administrar a comunhão. Nem mesmo Frei Luís de Sousa, na sua *História de São Domingos*, lida por Gonçalves Dias, narra este acontecimento. O que ele regista é o facto de Frei Tomás ter lembrado a D. João II de que o homem é pó e que portanto, ele próprio, rei, também o era, particularizando o momento geral da Igreja e despertando a ira do monarca, que o mandou degredar da Corte (Sousa, 1977: 1146-1147).

¹⁰ A cantiga incluída por Frei Bernardo de Brito na sua *Crónica* e atribuída a Gonçalo

Alcácer-do-Sal pelo São João enquanto Afonso Henriques estava em Coimbra, além da sua paixão por Fátima, conquistada pelas armas, mas também pelo amor, e baptizada com o Oriana Hermiguez. No fundo, o que o poeta destaca neste romance, através da voz do narrador, é — mais que os modismos em torno do namoro nas diferentes épocas — o amor-paixão, o amor cavaleiresco que se associava à coragem e ao Cristianismo.

Mesmo a excluída lenda de São Gonçalo (cf. nota 4) é reelaborada pelo poeta em torno da oposição hoje/outrota, sendo e a santidade o valor celebrado, e lamentando o narrador que “ser Português hoje / é crime d’alta traição” (Dias, 1959: 556)

Vê-se, assim, que nas quatro/cinco narrativas, Frei Antão valoriza o passado medieval e os seus valores, principalmente aqueles propagados pelo Cristianismo. A “Loa da Princesa Santa” e o “Solau de Gonçalo Hermiguez” são, afinal, uma apologia da guerra santa: é por amor a Deus que Afonso V guerreia e também por amor d’Ele que permite que a Princesa Lhe dedique a vida; é por amor a Deus que Joana renuncia ao mundo; é por ter consciência de que receber o Corpo de Cristo implica um compromisso com a Perfeição que D. João II promete fazer justiça. Embora seja por ódio aos mouros (um ódio “justificado”) que Gonçalo Hermiguez os combata, é por amor humano, mas sobretudo por amor a Deus, que ele se casa cristãmente com Fátima-Oriana. É pelo princípio de liberdade defendido pelo Cristianismo que a Princesa Santa alforria Gulnare e Mustafá.

A libertação dos escravos mouros não é citada em vão por Gonçalves Dias. Além do facto de a Europa que ele viveu estar sendo varrida pelos ventos da Liberdade, os poetas que ele lê — Hugo, principalmente — tematizam-na a cada instante. Dias chega a traduzi-los ou a pôr em versos o que eles escreveram em prosa (caso, por exemplo, do *Bug-Jargal*). Mas há mais razões: nas raízes da Nação a que o poeta pertence — e no presente dela — há escravos, fruto do pensamento colonial que ele rejeita¹¹.

Daí que o recuo no tempo, prática geral do Romantismo, se torne bastante mais significativo por ser proposto por um poeta brasileiro: para além do simples gosto pelo medieval, adquirido no convívio coimbrão, e que para o portugueses traduzia determinado projecto estético-ideológico, possui ele um outro

Hermiguez, que nela louvava Oriana, é uma demonstração desse pendor poético. Frei Antão, narrador-personagem das *Sextilhas*, também a ela se refere.

¹¹ A esse respeito, leia-se “Meditação”, 1ª parte, V, §1-5 e § 14 (Dias, 1959: 744 e 745)

significado: o repúdio à prática colonial de sujeição e extermínio dos índios (tema caro a Gonçalves Dias), da morte da Natureza¹² e do uso do braço escravo para a construção do Brasil.

3- Como já se observou, desde os “Poemas Americanos” dos *Primeiros Cantos*, existe em Gonçalves Dias a preocupação de fazer do índio um símbolo de “independência, resignação, heroicidade” (Dias, s.d.: 158): o seu guerreiro declara-se o mais valente e mais forte (cf. “Canto do Guerreiro”). O seu piaga, o mais sábio. Mas também a par do louvor do índio e da sua genuidade, muitos dos poemas lamentam a perturbação causada nesse estado de inocência pela chegada do branco. O “Morro do Alecrim”, louvado por Herculano, também glosa o extermínio da raça indígena pelos conquistadores. O piaga anuncia que “pelas ondas do mar sem limites” virá um “negro monstro” de “brancas asas” para roubar aos guerreiros a filha e a mulher, trazer-lhes “cruzeza”, “impiedade” e “algemas pesadas”; quebrar-lhes a “maça valente”, “profanar Manitôs, Maracás” (cf. “Canto do Piaga”). Encantado com a “Virgem dos Cristãos formosa”, o índio declara que é capaz de, pelo amor, vencer o “ódio antigo,/ trocar a maça do poder por ferros” e, para poder gozar da felicidade de desposar esta mulher (para ele exótica), ser escravo dos brancos — o que significa alienar-se dos seus costumes, perdendo a identidade (Dias, 1959: 109-110).

Não têm cariz diferente os *Segundos Cantos*, publicados no mesmo ano das *Sextilhas*: “Tabira” canta o valente guerreiro tabajara que sozinho dizima os Portugueses e denuncia a falaciosa paz com os lusos que levará à extinção dos Tupis e à escravização dos índios¹³. Tão pouco se afastam dessa dicção as “Poesias Americanas” dos *Últimos Cantos*: “O Gigante de Pedra” contempla o extermínio dos índios, que antes viviam entregues às suas danças, cantos e guerras, para o surgimento da cidade do Rio de Janeiro; em “I-Juca-Pirama”, mais uma vez é louvada a bravura dos índios e lembrados os “senhores/ que vinham com mostras de paz” (Dias, 1959: 362); “Marabá” é o retrato da marginalização a que os índios devotam o mestiço, visto como fruto de uma traição à raça, uma degeneração, uma perda de identidade; a “Canção do Tamoio” retoma o grito de valentia do “Canto do Guerreiro” dos *Primeiros Cantos*.

¹² Embora não seja muito frequente em G. Dias falar do ontem com relação à Natureza, convém lembrar a primeira estrofe do “Poema Americano”.

¹³ Merece este poema uma atenção especial: nele, Dias fala também da escravidão dos negros, desenhando-os como conformados e saudosos, ao contrário dos índios, que amam a liberdade.

Não se deve esquecer, no entanto, que toda essa poesia de feição indianista esteve, no caso de Gonçalves Dias, sempre conjugada com uma investigação etnográfica (cf. Ribeiro, 1994: 104-107), assim como as *Sextilhas* e alguns dramas exigiram a investigação histórica. Tal atitude traduz necessidade idêntica à da pesquisa feita por Garrett para a elaboração do *Romanceiro* e à realizada por Herculano para escrever *Lendas e Narrativas* — um mergulho nas raízes, uma procura da identidade nacional.

A forma mais completa dessa busca das raízes indianistas nacionais está na tentativa épica de Gonçalves Dias — *Os Timbiras*. Nesse “Gênesis americano”, como lhe chamou o próprio autor, o assunto principal é a luta entre Timbiras e Gamelas. Tratava ficcionalmente o poeta a sua ideia científica predilecta (cf. Lopes, 1932-1933: 58): o refluxo das tribos perseguidas para o seio da Amazônia, quando da demanda do Oeste pelos conquistadores, no século XVII.

É curioso notar como a obra gonçalvina insiste na dizimação dos índios, lembrando como causa não só o contacto com o europeu, mas também as lutas entre as diferentes tribos. Esses motivos aparecem quase sempre associados¹⁴ e, não raro, a eles o poeta agrega ainda a figura do índio perdido, como é o caso do guerreiro tupi de “I-Juca-Pirama” e de Jatir, filho de Ogib (*Os Timbiras*).

Essa associação permanente é reveladora de que, ao contrário das afirmações simplistas feitas desde sempre pela crítica, o indianismo na literatura brasileira não é um substitutivo da ausência de uma Idade Média. Considerado como uma exaltação das qualidades do indígena, ele será uma busca de raízes (como o filão árabe é para a Literatura Portuguesa), uma reconstrução do “mundo perdido” (Dias, 1909: 159). Associado, porém, ao tempo da conquista — e só aí — ele fará as vezes da Idade Média convencional. Esta será, aliás, a grande diferença entre o indianismo de G. Dias e o de José de Alencar: o primeiro não vê conciliação possível entre a conquista e o surgimento de uma nova raça; o segundo, apesar de juntar Ceci e Peri no pós-dilúvio (numa outra era, portanto), cria Moacir, filho da dor, mas fruto do amor.

O tempo da conquista será recusado por Dias, pois estará fora do espírito de cruzada enaltecido por Frei Antônio nas “Loas” à Princesa. Retomando um mote fornecido por Cacambo, herói índio de Basílio da Gama (“Gentes de Europa, nunca vos trouxera/ O mar e o vento a nós”), o piaga de Gonçalves

¹⁴ Cf. p.ex. *Os Timbiras*, “I-Juca-Pirama”, “O Gigante de Pedra”.

Dias alerta os de sua tribo contra a vinda do “negro monstro” e o narrador de *Os Timbiras* lamenta: “América infeliz, já tão ditosa / Antes o mar e o vento não trouxessem/ A nós o ferro e os cascaveis da Europa”.

É que o poeta não vê, na conquista do Novo Mundo (que coincide em grande parte com o domínio espanhol, com a época em que a “Lusa cerviz” foi dobrada ante os “leões de Castela”), o espírito de cruzada — buscado pela Princesa e por Frei Antão —, mas a cobiça que desfigura e destrói:

Extinguiram-se os índios; este facto é atribuído pelo desembargador Seabra à cobiça dos jesuítas, os jesuítas o atribuíram à cobiça dos seus compatriotas; se não queremos indagar quais deles foram mais cobiçosos, ao menos claramente resulta do dizer de ambos que foi a cobiça, a ganância — causa do extermínio dos indígenas (“Resposta à Religião”, Dias,s.d.: 183)¹⁵.

Daí que, apesar de historicamente ser este o verdadeiro tempo de formação da nacionalidade, a real Idade Média brasileira, Gonçalves Dias vá ainda mais longe na sua investigação sobre as raízes e procure não só a genuidade indígena, como também a dos cristãos e árabes, afinal as fontes alóctones da nacionalidade brasileira. Não é, convém sublinhar, portanto, estranha a presença de um tema medievista nem a estilização da língua arcaica nas *Sextilhas*. Elas representam não só uma prática corrente nos poetas portugueses do tempo de Gonçalves Dias em Coimbra, como condiz com as ideias que informam a sua obra como um todo, o que lhes confere, para além da motivação estética, razões de ordem ética.

O medievismo atinge o próprio índio. Este possui linhagem e nobreza (lembramos, por exemplo, a fala do velho tupi em “I-Juca-Pirama” — “Não descende o cobarde do forte” — e o seu abdicar do apoio do filho na cegueira e na velhice; ou, se preferirmos, o índio com que o Cantor se depara em “Visões”¹⁶:

¹⁵ O mesmo pensamento aparece no texto ficcional: “Não eram homens crentes, que por amor da religião viessem propô-la aos idólatras, nem argonautas sedentos de glória em busca de renome.

Eram homens sordidamente cobiçosos, que procuravam um pouco de ouro, pregando a religião de Cristo com armas ensanguentadas.[...]

Eram homens que pregavam a igualdade tratando os indígenas como escravos — envilecendo-os com a escravidão, e açoitando-os com varas de ferro.[..]

E então começou a luta sanguinolenta dos homens dominadores contra os homens que não queriam ser dominados — dos fortes contra os fracos —, dos cultos contra os bárbaros” (Dias, 1959: 760-761).

¹⁶ O poema foi escrito em Pitões, no Gerês, conforme registo do próprio poeta, e não em Coimbra, como afirma Cláudia Neiva de Matos, 1988: 31.

“tinha aquilo [...] que a não vulgar estirpe indica e nota” (Dias, 1959: 595). Suas atitudes porém se, em termos de elegância não são as de “um cavaleiro português na pele de um selvagem”, como diria D. Antônio de Mariz do guarani seu amigo no romance de Alencar, ficam-lhe muito próximas no que diz respeito ao espírito de luta e de aventura: “Viver é lutar!” declara o tamoio na sua “Canção”.

Idealizando o que diziam os cronistas a respeito dos selvagens brasileiros — e o que ele próprio anotara nas suas viagens pelo Norte e Nordeste¹⁷ — Gonçalves Dias constrói na poesia a imagem de um índio medieval. De suas lutas e guerras, apaga o espírito de vingança, para ressaltar o aprimoramento do corpo, o domínio do espírito, a heroicidade, a aventura, tornando-as próximas das justas e torneios. Nem falta a esses cavaleiros dama que por eles clame, necessitada da sua defesa (veja-se o caso de Coema nos *Timbiras*), ou donzela que os espere ansiosa, pois “tarda o amigo na guarda”.

Não será, pois, de considerar um exotismo do poeta a imposição de uma dicção medievista a uma índia que em vão aguardou o amigo, em “Leito de Folhas Verdes”. Ela será um cruzamento esperável na obra gonçalvina e até na produção literária brasileira do Romantismo¹⁸. O amado Jatir que não compareceu ao encontro é possivelmente o desaparecido filho de Ogib de *Os Timbiras*, que Mojacá viu prisioneiro de outra tribo, mas bravo e ativo. Não tendo cabido (ou não tendo havido tempo de ser incluído) n’*Os Timbiras* —, apesar do anúncio do narrador de que o seu canto não conteria apenas “fereza e mortes”, mas que o ameigariam as “lágrimas do orvalho” e as flores da acácia e do sassafráz trar-lhe-iam outros encantos — esse episódio lírico-amoroso mereceu do poeta uma composição à parte.

No entanto, é preciso ver que, apesar do tema da espera — sensual mas virginal — sob a mangueira, o esquema da composição não obedece à simplicidade

¹⁷ Os cronistas falavam em vingança indígena. Há momentos em que Gonçalves Dias assume também este ponto de vista: “A renhida luta que em todas as partes os Tupis sustentavam contra as tribos do interior poderia provir da sua índole belicosa” (Dias, s.d.: 4)

¹⁸ O cruzamento de dicções e temas, bem como o de diferentes estéticas é típico da literatura brasileira. O que Roberto Schwarz (1977) observou em *Senhora* (José de Alencar), a existência de uma incongruência central no pensamento brasileiro, aliás “inevitável em país de cultura dependente”, pode ser bastante ampliada. Sem falar nos índios cavaleiros do próprio Alencar e nos guerreiros gentis de Gonçalves Dias, vejamos, por exemplo, os Parnasianos que acabaram por “amar com fé e orgulho” a terra em que nasceram, apesar da sua pretensa neutralidade, ou dos Modernistas que, recusando importações, não puderam deixar de falar no progresso de São Paulo, adotando alguns procedimentos futuristas, nem de lembrar as “teorias-avós” que mamaram.

medieval e nem mesmo existe uma estlização como nas *Sextilhas*. Nele, a angústia da moça é marcada pela progressão do tempo (noite/aurora) que, com excepção da índia, toda a Natureza acompanha, enquanto nas cantigas de amigo a apreensão da donzela é assinalada pela constante repetição do vocativo (“ai, ondas”; “ai, flores”).

O que assemelha a fala da selvagem ao cantar das romeiras, pastoras e camponesas de Martim Codax e D. Dinis é a comunhão com a Natureza. No caso gonçalvino, porém, a Natureza não é a interlocutora única, o que ressalta na cantiga medieval a solidão e o segredo da donzela (só ao mar ou às flores do verde pinho se pode ela dirigir), mas elemento de analogia e de dissemelhança, o que sublinha a integração do índio na Natureza. (“A flor que desabrocha ao romper d’alva / Um só giro do sol, não mais, vegeta: / Eu sou aquela flor que espero ainda / Doce raio de sol que me dê vida”, Dias, 1959: 357-358).

4- O interesse pela Idade Média visto como forma de evasão e passadismo é suscitado no Romantismo “por uma consciência histórica articulada em torno de uma oposição binária (“então” vs “agora”)), facto que “abre a possibilidade para que uma visão “prospectiva” possa ser subsumida por essa análise, e para que ela seja criada a partir da consciência histórica (passado/presente) e, sobretudo, da falha ou da perda que essa consciência permite detectar no presente” (Buescu, 1996: 104).

As *Sextilhas de Frei Antão* – e a maior parte dos poemas indianistas de Gonçalves Dias –, levam à comparação agora vs. outrora, sendo o agora o tempo que vai da conquista à Independência do Brasil, e o outrora tanto o passado indígena quanto o passado português anterior à expansão marítima.

A “Meditação” indicia esta divisão temporal, ao fazer que o poeta-viajor navegue na máquina do tempo e vá assistindo “ao espectáculo das eras transactas” (Dias, 1959: 759): ele encontra, “nas cenas da natureza e da sociedade em seu começo, quadros belíssimos de poesia e lições de moral”, uma “geração numerosa e não corrompida” a cobrir a extensão do “vasto Império”. Depois, a “visão” leva-o “dos homens da natureza aos que chamamos civilizados”; aos que “não eram homens crentes, que, por amor da Religião viessem propô-la aos idólatras, nem argonautas sedentos de glória em busca de renome”, mas homens “sordidamente cobiçosos, que procuravam um pouco de ouro, pregando a religião de Cristo com armas ensanguentadas” Começa, então, “a luta porfiada”, que lavrou de Porto Seguro até à margem esquerda do Prata, e daí se estendeu às margens do Amazonas, “com a rapidez do ar empestado” (Dias, 1959: 759-

-761). Uma observação do poeta-viajor prepara o tempo da independência:

E viu Deus que a nação conquistadora se tinha pervertido, e marcou-lhe o último período da sua grandeza.

E deu-lhe uma longa série de anos para que ela lastimasse a sua decadência, e conhecesse a justiça inexorável do Todo-Poderoso.

Ela tornar-se-ia fraca, porque tinha escravizado o fraco — incrédula porque tinha abusado da religião — pobre porque sobremaneira tinha amado as riquezas — e curvada sob um jugo de ferro, porque tinha sido tirana.

E todas as nações do mundo passariam diante dela, comparando a sua grandeza doutros tempos com a sua miséria de então. [...]

Uma voz sonora e retumbante partiu do Ipiranga e foi do mar aos Andes e do Prata às margens do Amazonas (Dias, 1959: 762-763)

Mas a visão que Gonçalves Dias tem do presente não augura um futuro promissor para o Brasil¹⁹, porque os homens que se haviam unido para “fazer a obra da redenção”, dividiram-se em “massas poderosas”, segundo a “variedade de cores” (Dias, 1959: 764). A escravatura e o tratamento ou não dos índios como cidadãos constituem os problemas que subjazem a essa fala. O ancião que conduz o poeta-viajor acusa os homens de estado, a política que não é de ideias, mas “de cousas”, e lembra que “ordem e progresso são inseparáveis” (Dias, 1959: 774).

Assim, a última visão, que perspectivaria o futuro assume um aspecto escatológico: um incêndio cresce “mais e mais”, fazendo sofrer como “último dos plebeus” os homens “que se julgavam nobres” e o sangue corre “cada vez em mais abundância” (Dias, 1959: 774)²⁰.

Daí que seja necessário resgatar o passado, medieval português e indígena brasileiro, para, modelarmente, criar uma nova nação. Um Brasil que, a exemplo da Princesa Santa Joana, liberte os seus escravos, e onde o índio Jatir, não mais

¹⁹ Vale sublinhar, embora rapidamente, a diferença entre os olhares de Gonçalves Dias e de Herculano. Este, que também considera Portugal uma nação degenerada, “o velho aborrido e triste”, “o hilota embriagado que se punha defronte da mesa das filitias de Esparta”; afirma ser o Brasil “a moderna Esparta de que Portugal é a moderna Helos”, a nação de futuro ridente (Herculano, 1847). Essa diferença quanto ao jovem país reside no facto de Herculano encará-lo apenas como paisagem pujante, enquanto Dias via “por baixo dessas árvores colossais”, “milhares de homens de fisionomias discordes, de cor vária e de caracteres diferentes”, mas onde dominavam os brancos, uma nação adoptando vícios que não eram os seus: “Não sabeis vós que a planta exótica perde o mais excelente de seu aroma, e que a roseira dos Alpes produz espinhos, plantada em vales?” (Dias, 1959: 751)

²⁰ De assinalar a semelhança das soluções escatológicas dadas por Gonçalves Dias e por José de Alencar, em *O Guarani*, para a sociedade onde o índio não pode ocupar um lugar ao lado do branco.

alienado dos seus e perdido em lutas, possa, como “doce raio de sol”, fazer desabrochar a flor que o espera. Um Brasil onde não propriamente o poeta, mas o homem brasileiro Gonçalves Dias, filho de português e de mestiça de índio com negro, tenha lugar.

5-Bibliografia

- BANDEIRA, Manuel (1958) *Antologia/Gonçalves Dias*, Rio de Janeiro, Agir.
- BANDEIRA, Manuel (1959) “A Vida e a Obra do Poeta” e “A Poética de Gonçalves Dias”, Gonçalves Dias (1959) *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, José Aguilar, 11-48 e 67-78.
- BRITO, Fr. Bernardo de (1602) *Primeira Parte Da Chronica de Cister Onde se Contam As Cousas Principais Desta Religiam*, Lisboa, Pedro Crasbeek.
- BUESCU, Helena Carvalhão (1996) “Construções Literárias da Identidade Nacional no Romantismo”, *Actas dos 3^{as} Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (8 a 13 de Julho de 1996), Cascais, Câmara Municipal, 103-110.
- CÂNDIDO, Antônio (3^o1969) *Formação da Literatura Brasileira*, São Paulo, Martins, v.2
- CASTRO, Alfredo de Assis (1939) *A Linguagem das Sextilhas de Frei Antão*, Rio de Janeiro, [I. Amorim & Cia].
- CHAGAS, Pinheiro (1866) “Gonçalves Dias”, *Ensaio Crítico*, Porto, Viúva Moré.
- DIAS, A. Gonçalves (8^os.d.) *Poesias*, H. Garnier Livreiro-Editor, Paris -Rio de Janeiro (ed. organizada por J. Norberto de Souza Silva).
- DIAS, Gonçalves (1909) *Obras Posthumas*, Rio de Janeiro-Paris, H. Garnier.
- DIAS, Gonçalves (s.d.) *O Brasil e a Oceania*, Rio de Janeiro-Paris, H. Garnier.
- DIAS, Gonçalves (1959) *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, José Aguilar.
- EVANGELISTA, Maria de Jesus (1984) “‘Leito de Folhas Verdes’, de Gonçalves Dias. a Simbólica Vegetal”, *Actas do X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa e do I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa*, Lisboa./Coimbra/Porto, Instituto de Cultura Brasileira-Universidade de Lisboa.
- HERCULANO, Alexandre (1847) “Futuro Literário de Portugal e do Brasil”, Gonçalves Dias (1959) *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, José Aguilar.
- JUCÁ FILHO, Cândido (1939) “A Linguagem das Sextilhas de Frei Antão”, *Anais do Segundo Congresso da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro.
- MATOS, Cláudia Neiva de (1988) *Gentis Guerreiros. O Indianismo de Gonçalves Dias*, São Paulo, Atual Editora.

- MORNA, Maria de Fátima Freitas (1987) *Alguns Aspectos da Poesia de 'O Trovador'* (tese de lic. dact.).
- NOGUEIRA, Júlio Taborda Azevedo (1972) *Idade Média e Romantismo - Contribuição para O Estudo Da Corrente Medievalista No Movimento Romântico Português*, Coimbra (tese de lic. dact.).
- RAMALHETE, Ana Maria (1996) "Ficcionalização de Contactos Culturais e Especificidade Nacional: Olhares Românticos sobre Modelos, Cristãos e Mouros", *Literatura Comparada - os Novos Paradigmas; Actas do Segundo Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, Lisboa-Porto, Fundação Calouste Gulbenkian-APLC-Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 67-74.
- RIBEIRO, Maria Aparecida (1994) *Literatura Brasileira*, Lisboa, Universidade Aberta.
- RICARDO, Cassiano (1969) "Gonçalves Dias e o Indianismo", Afrânio Coutinho (dir.), *A Literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Sul-Americana, v. 2
- SOUSA, Fr. Luís de (1977) *História de S. Domingos*, Porto, Lello & Irmão Editores, v. 1.
- SCHWARZ, Roberto (1977) "A importação do romance e as suas contradições em Alencar", *Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro*, São Paulo, Liv. Duas Cidades, p. 29-60.
- VASCONCELOS, Padre António de (1631) *Anacephalæoses, id est, Svmma Capita Actorvm Regvm Lvsitaniz, Antuérpia*, Pedro e João Belleros.